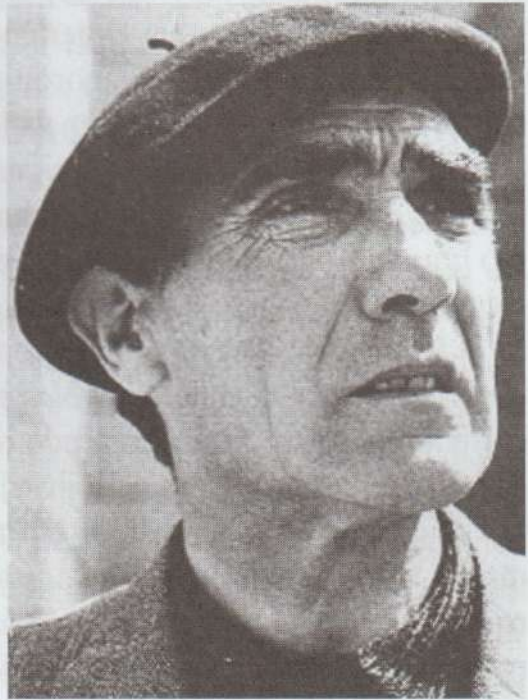


Sobre ALVES REDOL

Nada sei do meu futuro, embora acredite, cada vez mais, num futuro melhor para todos. Quero sublinhar que não acredito por simples crença, mas por verdadeira certeza. Vocês, os mais novos, vão encontrar belas coisas para fazer... Nessa altura, se o merecer, lembrem-se de mim.

Alves REDOL



Se Diogo Relvas ali tivesse passado um dia antes, ou umas horas depois – quem sabe! –, talvez o Norberto Caiador se erguesse ainda de boné na mão para receber ordens do Lavrador de Aldebarã e aparentar vaidade pela honra de lhe prestar um serviço.

Porém, naquela tarde soalheira igual a tantas, esse homem vulgar obrigou a história da minha vida a dar um dos saltos mais prodigiosos da sua existência. Quem o visse já minado pela doença, trangalhadaças no andar, debilitado de forças e quase incapaz de manejar a brocha do ofício, não poderia supor que viria dele a atitude sobranceira e viril, embora vestida de desencanto, que atiraria para a solidão o senhor poderoso de todos nós.

Herdando, talvez naquele momento exato, a raiva de muitos homens, emparedados na cobardia, incitado, também, por certo, pelos que tinham lutado por uma associação de valadores, a verdade é que foi ele quem apressou a libertação da nossa irreverência. De repente, sem o esperarmos, saltávamos todos do medo bisonho e venenoso para o gáudio da gargalhada destruidora de mitos. E nada há mais sadio do que oferecer o riso aos que foram ultrajados uma vida inteira.

Nesse riso implacável até a grosseria, não será fácil distinguir – nem importa fazê-lo – o que serão ainda lágrimas choradas e o que já é alegria autêntica. De umas e de outra bem precisam os homens que sofreram.

Alves REDOL

Barranco de Cegos – Epílogo – 1961

Uma muito resumida biobibliografia de Alves Redol

A vida e a personalidade de Alves Redol são extremamente complexas, não sendo fácil estabelecer a sua biografia.

Tendo estado em Angola, para onde emigrou, entre os dezasseis e os dezanove anos, teve aqui uma experiência riquíssima. Depois de regressar à sua terra, Vila Franca de Xira, colaborou nas colectividades desportivas e culturais, fez conferências, escreveu nos jornais locais crónicas, comentários, crítica de teatro e textos de ficção, liderou o designado «Grupo Neorrealista de Vila Franca», foi um dos dois organizadores dos chamados «Passeios no Tejo», nos anos 40, que tão grandes repercussões culturais e políticas tiveram. Praticou vários desportos, foi fundador de clubes desportivos e conselheiro técnico de futebol de um deles.

Começou a escrever mais seriamente para jornais e revistas, como *Notícias Ilustrado*, *O Diabo e Sol Nascente*. Dedicou-se à etnografia do Ribatejo, percorrendo-o de lés a lés, escrevendo textos para diferentes publicações e recolhendo, durante anos, a poesia popular ribatejana.

Foi sempre um inovador em todos os domínios em que interveio: na literatura, onde foi um dos fundadores do Neorrealismo, escrevendo o primeiro romance deste Movimento; ainda na literatura, inovou constantemente na estruturação dos seus romances; no teatro, interveio no Teatro-Estádio do Salitre e em colectividades na renovação desta forma de expressão em Portugal e, mais tarde, com textos de vanguarda; no cinema, fazendo o guião de um filme e os diálogos de outros dois, mas onde a tentativa não resultou, pois os filmes não saíram bem, mesmo descontando a severa ação da Censura; na literatura infantil, onde procurou conjugar esta com o intuito pedagógico. Com outros escritores, tentou organizar uma editora em que eles fossem os seus próprios editores. Também na condução de conferências e saraus de arte, houve sempre uma preocupação inovadora. Colaborou na rádio.

Durante muitos anos, foi um dos escritores de maior êxito e que mais vendeu em Portugal. Do ponto de vista profissional, tendo o curso de comércio, dedicou-se à publicidade ainda em Luanda, depois, foi procurador dos municípios, vice-cônsul de um país da América Latina, editor dos seus próprios livros. Nos últimos anos de vida foi profissional de publicidade, tendo ganhado prémios internacionais.

Foi sempre um entusiasta das organizações de escritores, como a Comissão dos Escritores, Artistas e Jornalistas do MUD (Movimento de Unidade Democrática, cuja existência o fascismo português permitiu de 1945 a 1948), o PEN Clube Português, a Sociedade Portuguesa de Escritores, de que foi um dos fundadores.

Ligado à tauromaquia, por ser uma das manifestações da sua terra, por nela encontrar fortes motivos de interesse literário e por razões familiares, investigou aprofundadamente o meio em Portugal e em Espanha.

Teve relações estreitas com escritores e artistas plásticos brasileiros, franceses e espanhóis, participando em vários congressos de escritores, onde interveio.

Tendo iniciado a publicação de livros com um ensaio etnográfico intitulado *Glória, Uma Aldeia do Ribatejo*, em 1938, recolheu, ainda neste domínio, abundante poesia popular oral inédita que publicou em *Cancioneiro do Ribatejo* e textos do romanceiro português que publicou em *Romanceiro Geral do Povo Português*, volume com várias centenas de páginas.

Publicou o primeiro romance neorrealista português, *Gaibéus*, em 1939, seguindo-se *Marés*, em 1941, *Avieiros*, em 1942, *Fanga*, em 1943, todos de ambiente ribatejano, mas de ambições universais, *Anúncio* (novela de ambiente lisboeta), em 1945. Em 1946, inicia o conjunto de romances centrados na região do vinho do Porto, o Douro, com *Porto Manso*, seguindo-se *Horizonte Cerrado*, em 1949, que ganhou o Prémio Ricardo Malheiros da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, *Os Homens e as Sombras*, em 1951 e *Vindima de Sangue*, em 1953, progredindo constantemente na oficina de escrita. Em 1954, com *Olhos de Água*, inicia uma fase de maior apuramento formal e, em 1958, depois de um período em que tinha desistido de escrever, faz sair *A Barca dos Sete Lemes*, um romance que muitos ainda hoje consideram o seu melhor romance e, certamente, o mais atual e universal. Seguiram-se *Uma Fenda na Muralha*, cujo ambiente é o de um porto pesqueiro e que relata uma violenta tempestade que ele próprio sofreu no mar a bordo de um pequeno barco de pesca, *O Cavalo Espantado*, de 1960, que conta a saga dos refugiados judeus em Lisboa durante a Segunda Guerra Mundial, *Barranco de Cegos*, de 1961, que muitos críticos consideram o seu melhor romance e um dos melhores do século xx em Portugal, *O Muro Branco*, de 1966.

Em 1972, foi publicado *Os Reinegros*, que conta a história de uma família operária em Lisboa durante o conturbado período da Primeira República, romance concluído em 1944-1945, mas não publicado durante muitos anos, devido à proibição da Censura. A propósito, interessa recordar que os livros de Redol foram sujeitos a censura prévia desde 1944 até 1958.

Publicou livros de contos, a novela para a adolescência *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, de 1960 e o livro, em doze fascículos, *A França, da Resistência à Renascença*, de 1948; de literatura infantil, *A Vida Mágica da Sementinha*. Escreveu na fase final da sua vida (morreu em 1969) *A Flor Vai Ver o Mar*, *A Flor Vai Pescar num Bote*, *Uma Flor Chamada Maria Maria*, *Maria Flor Abre o Livro das Surpresas*, para leitores infantis entre os 6 e os 12 anos.

Publicou quatro peças de teatro: *Maria Emília*, *Forja*, *O Destino Morreu de Repente* e *Fronteira Fechada*, mas escreveu na íntegra, ou apenas iniciou, vinte. Durante a sua vida, apenas grupos de amadores foram autorizados pela Censura a representar a primeira e a segunda, e, esta, somente em Moçambique.

António Mota Redol
Filho de Alves Redol

De Redol e da forma e do fundo...

Como é amplamente sabido, Alves Redol, em 1939, abre *Gaibéus*, doravante considerado o romance inaugural do neorrealismo português, com a famosa epígrafe:

*Este romance não pretende ficar na história como obra de arte.
Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo.
Depois disso, será o que os outros entenderem.*

Ao fazê-lo, Alves Redol determinou para sempre o clima de debate estético interno que dominou o movimento, que, ao contrário do que durante muito tempo se pretendeu, nunca conseguiu construir uma visão unanimista do que fosse uma arte empenhada de fundamentação marxista. E por isso teremos na primeira fase e na linha da frente do movimento artistas tão diversos como Carlos de Oliveira ou Soeiro Pereira Gomes ou o próprio Redol.

A epígrafe de Redol teve, pois, o mérito de empurrar, desde o início, o neorrealismo português, enquanto arte de resistência e não exatamente de propaganda, para o beco sem saída do debate entre forma e fundo, debate mais vivo e profícuo do que tem sido evidenciado a ponto de ainda hoje não estar cabalmente estudado. E talvez esse estudo, que já mereceu o fundamental contributo de António Pedro Pita, nos venha a revelar um movimento mais diverso e menos monolítico do ponto de vista da teoria estética do que usualmente pensamos.

Isabel Pires de Lima

Professora catedrática da Faculdade de Letras do Porto

Um homem ávido de gente

Quem fala do povo com a paixão obsidiante de Redol, a sua teimosia, os seus momentos de grandeza, incomoda e vive na incomodidade. Isto explica, julgo eu, certos preconceitos políticos e literários, certo musgo que a humidade circunstancial (às vezes sem querer, mas outras de propósito) tentou gerar em torno de uma obra notável sob vários aspetos: autenticidade, fôlego, importância histórico-literária.

Um magma inicial de avieiros, pescadores, gaibéus, fangueiros, vindimadores. Os pobres ombros poderosos do povo, a escolha que Redol decidiu fazer, mesmo na literatura. Quantas páginas ásperas, tocantes. Cito ao acaso, da memória, a narração na primeira pessoa da *Fanga*, muitos episódios dos *Olhos de Água*, a edição revista dos *Avieiros*. Depois, os livros da maturidade, a *Barca dos Sete Lemes*, o *Barranco de Cegos* (cúpula e síntese do resto) que entrou já na biblioteca mais filtrada dos grandes romances portugueses. Para chegar aqui trabalhou duramente, apesar da saúde frágil (duma fragilidade especial que empurra a vida para

diante), nas velhas oficinas do nosso romance subdesenvolvido: inviável, sem continuidade, entregue a ocasionais e raras fulgurações, como então se supunha. Nas oficinas onde, pensando bem, começou a abundância de hoje.

Vejo-o, meio sorridente, a boina basca puxada sobre a testa, a conversa pausada (afabilidade e a camaradagem aflorando palavra a palavra), o trato sereno, quase tímido, dum camponês civilizado que conheceu muito mundo e muito meandro sem desgastar toda a pureza inicial. Era esse mesmo o segredo, o impulso, da sua força criadora: continuar, através de tudo, um homem ávido de gente.

Carlos de Oliveira

In: MENDES, José Manuel. *Charrua em campo de pedras*.
Lisboa: Ed. Seara Nova, 1975, pp. 45-46.

Carta aberta a Alves Redol

(fragmento)

É a tua obra exemplar de tudo isso. Um cerrar de dentes. Uma saga de fraternidade – por que não revalorizar essa palavra? Um amplo testemunho do que foi o homem português, cidadão ou rural, nesses trinta anos de lento, dramático despertar para a consciência das suas agruras e do seu exílio do mundo em marcha, para o qual os teus livros contribuíram de um modo que pode medir-se pela hostilidade que provocaram. Uma lição de obra «coletiva», no sentido ultimamente reavivado, de obra que, embora de nítido cerne pessoal, na qual o mundo de cada vez se recria (porque uma coisa é a vida e outra a sua expressão em arte), se penetra de um estro solidário, de coincidências no querer, no sentir e no manifestar. Um documento de como se pode ser fiel a uma visão de mundo sem recusar as permutas com o que vai desaguando nos rios da literatura para os fertilizar, ou encapelando-os para os rejuvenescer, antes compelindo-se à insatisfação, que é a matéria prima da desejada mobilidade para que todos concorremos. Tinhas a idade de tua perseverança e da tua fé. A idade do teu inconformismo. [...] Um domínio paciente, que em cada página se desafiava e superava, visto que, tendo tu ousado um novo olhar sobre as coisas, havia que descobrir as palavras ajustadas, seleccioná-las, domar-lhes a impetuosidade, encontrar-lhes o peso e o valor, tanto como havia que atender a que o amadurecimento tem de ultrapassar a consciência intuitiva dos primeiros passos, seja na vida, seja na arte – até o dia em que tudo já parecesse menos penoso, tanto para ti como, sobretudo, para os que viessem depois. Tarefa de duro artesão (quanta hora sofrida te custou?!) que mal transparece neste teu, dir-se-ia fácil, coloquiar com o leitor, num jeito desenfastiado e direto, neste teu hábil assimilar do vocabulário das pessoas reais, cujas faculdades criadoras, de herança em herança, confluem no artista, mas sem que, na sobriedade perseguida, desfaleça a ardência que põe o coração no que se

narra, sem que empobreça o lirismo que deu às tuas obras uma ressonância épica e o nível estético que nenhuma obra dispensa se pretende, como tu pretendias, comunicar com os homens de hoje e com os de amanhã.

Fernando Namora

In: MENDES, José Manuel. *Charrua em campo de pedras*.
Lisboa: Ed. Seara Nova, 1975, pp. 174-176.

Carta aos amigos comuns

(fragmento)

Londres, 30 de Novembro 1969

Não adianta, bem sei, desabafar assim. Mas na morte de qualquer escritor português digno desse nome pesa sempre um remorso do tempo, sempre. É o rastro da mentira e do silêncio, e esse mal, quando não vence uma verdade interior, alastra e cerca-a por outras raízes. Mata primeiro do que o vírus decretado pelas certidões de óbito.

As vezes que falamos nisso, eu e o Redol. Ainda há pouco, numa carta em que se despedia de mim para sempre, lá vinha esta verificação magoada e terrivelmente simples: «Sou um dos que vai morrer na incomunicabilidade com o seu tempo.»

Não, não era um lamento. Era assim uma espécie de anotação final, qualquer coisa de quem arruma o balanço de uma vida e diz apenas «morro assim, e não é justo».

Nem uma acusação, nem um azedume. Nada. Uma definição, simplesmente. E agora que o perdemos e que deixaremos de ter junto de nós aquele companheiro leal e disponível, agora essas palavras têm uma dimensão ainda maior. Comunicar, na vida de um escritor, é apenas o que escreve? E o convívio que se lhe nega? E o participar na coletividade com as intervenções que a sua condição lhe solicita? E o viver com alegria e em tranquilidade? Não é isto também comunicar? Não é escrever, não é?

Pois, dirão vocês, a segregação política desgasta, alimenta o juízo impune, a deturpação. Corrói a própria carne. E nele foi a carne, a carne e só a carne que sucumbiu, minada. Se algum escritor português sofreu injustiças e as suportou com tolerância excessiva (excessiva, sim) esse foi o António. O António, o Alves Redol, que abriu um capítulo novo ao nosso romance – o mais rico, decerto, e o que mais variedade de vozes ofereceu – e que jamais fez disso galardão. O romancista que, a seguir a Camilo, apresentou maior multiplicidade de temas e que nos deixou o *Barranco de Cegos* como uma das mais importantes criações da novelística portuguesa.

Mesmo assim as incompreensões não faltaram dum lado e doutro da república. Era, no fundo, a má consciência dos acomodados, no fundo era isso, deixemo-nos de coisas, perante um democrata que não desistia de clarificar. Era a incomodidade, a aristocracia culposa dos preciosos da província perante um escritor que não usava de ambiguidades de convívio, apesar de ser, como todos nós sabemos, o mais aberto leitor de todas as vozes literárias.

José Cardoso Pires

In: *E agora, José?* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999, pp. 83-84.

Um operário das letras

(fragmento)

[...] O que sei é que não conheci escritor que tanto amasse o povo, não por princípio ou atitude demagógica – e isso é amor? – mas por um sentimento profundo que o impediu sempre de escrever sobre ele e o fez sempre escrever *por* ele e *para* ele. O que sei é que não conheci nem conheço escritor português com tamanha audição popular.

Se alguma dúvida existisse a esse respeito, ter-se-ia com certeza dissipado nesse desolado e, no entanto, exaltante dia 30 de novembro, em face daquela multidão compacta que, apesar do frio dificilmente suportável, encheu as ruas de Vila Franca, em silêncio e de lágrimas nos olhos, enquanto seu corpo avançava lentamente, aos ombros, não só de escritores e jornalistas, mas da gente anônima que ele trouxe para a literatura portuguesa e para a consciência (para o remorso) de todos nós. [...]

No meio dessa multidão que a sua morte visivelmente feriu («É um companheiro que cai», lia-se no *Convite à População* lançado por uma coletividade popular), caminhando com ela, atrás das bandeiras e das flores erguidas ao alto como outras tantas bandeiras, momentos e momentos da vida Redol, das nossas vidas, como certas páginas dos seus livros naturalmente me ocorreram. Mas, de entre todos, um se impunha e teimosamente regressava, me fazia vivê-lo de novo, um momento de particular significado que talvez chegue para justificar uma vida e uma obra inteira: aquela tarde em que uma operária que eu nunca vira e que em breve deixaria também de ver para sempre veio bater à minha porta com este pedido inesperado: «Queria aprender a ler para ler a *Fanga* do Alves Redol.» E aprendeu. E leu todos os livros de Redol. E muitos outros com certeza.

A morte apaga ressentimentos, inimizades, despeitos, incompreensões. Ajuda a fazer justiça. Estudos surgirão decerto no futuro sobre o autor de *Avieiros*, de *A Barca dos Sete Lemes*, de *Barranco de Cegos*... Pouco a pouco se irá separando o que na sua obra é frágil do que nela é forte e duradouro. Mas será para isso indispensável não esquecer o que ele próprio escreveu a propósito de *Gaibéus*: «...fora

do contexto social do lugar e do tempo não há obra literária que se compreenda na raiz. Há exceções, sem dúvida, e muito honrosas. Mas esta, pelo menos, nunca se libertará, e ainda bem, da hora trágica e consciente que a viu nascer».

Não era essa, e ainda bem, a libertação que lhe interessava.

Mário Dionísio

«Um operário das letras». In: *A Capital*. 10-12-69